

OS TUTORES DA MENINA

(EXCERPTO D'UMA PEÇA INÉDITA)

POR JULIO DANTAS

97

a Lisboa de 1816. — Uma sala em casa da CONDESSA VIUVA DE PAÇO DE SOUSA. Imperio. Credencias, canapés, tamboretos de acajú e bronze doirado. Talhas da India. — A tarde. — A CONDESSA, trinta e oito annos, envoleida n'um amplo luto de seda róxa, trabalha ao bastidor, no canto d'um canapé Récamier; meadas de seda; um cofre de prata. — LEONOR, muito graciosa, vestida de musselina branca e penteada à Tito, solfeja uma cavatina de Glück, assentada n'um tamborete, com um caderno de solfa nas mãos. — Junto d'ella, PLACIDO PERGOLINI, velho mestre de musica de meninas fidalgas, ridiculo, perfumado, pingado de diamantes, babado de rendas, segue o papel de solfa com o olhar e marca o andamento, solemnemente, com uma flauta de marfim que lhe serve de batuta.

LEONOR, entoando as primeiras notas da cavatina de Armida. — Do-la, sol-fa, mi-mi, re...

PERGOLINI, interrompendo. — No, no, no. — Un'altra volta, una altra volta. — Não vae bem.

LEONOR. — Não vae bem?

PERGOLINI. — Vae fóra do andamento. — Do principio. — Attenção, vá... — Andante con espressione! (entoando e marcando o compasso com a flauta) Do-la, sol-fa, mi-mi, re...

LEONOR, continuando a solfejar. — Re-do, do-si, la-sol, fa...

PERGOLINI, olhos em alvo, n'uma attitude de vôo. — Smorzando, smorzando... — Do-do, si-la, sol-fa, si...

CONDESSA, que deixa um instante de bordar para ouvir a cavatina, elevada. — Bonito. — De quem é? Haydn? Jomelli?

PERGOLINI. — Glück. A cavatina de Armida, do divino Glück. Eccellenza. (para LEONOR) Smorzando, smorzando ancora... (para a CON-

DESSA, sem deixar de marcar o andamento com a batuta (Un vero capolavoro. Já a toquei em Queluz, n'esta flauta de marfim, com duzentas cabeças empoadas a dançarem-me à volta... Tempos, tempos, Eccellenza... Tempos! (de novo a LEONOR, em movimentos dançados) Così, così... Dolcemente, piu dolcemente... (põe a flauta à bocca e acompanha o solfejo, tocando).

UM CREADO, trazendo uma carta. — Senhora Condessa.

CONDESSA. — Que é?

O CREADO. — Um portador, que vem do convento de Chellas. Entregou esta carta e uma bandeja com doce d'ovos.

LEONOR, levantando-se. — De Chellas? — E' da tia Abbadessa. (a PERGOLINI, que toca apaixonadamente) Com licença, mestre.

PERGOLINI, resignado, deixando de tocar. — Pazienza.

LEONOR, vendo a carta. — E' da tia Abbadessa, mas não é para mim. (entregando-a à mãe) Perdão, minha senhora mãe.

CONDESSA, a LEONOR. — Não gósto que interrompa a lição. (ao CREADO) Traga a encomenda para aqui, e diga ao portador que espere. — Fez chegar ao seu destino as cartas que lhe dei esta manhã?

CREADO. — Sim, senhora Condessa. O senhor General e Monsenhor estavam em casa. O senhor Marquez d'Alegrete estava no palacio da Regencia. Fui lá entregar-lh'a.

CONDESSA. — Quando o senhor Marquez chegar, já sabe o costume. A bacia de prata, o gomil d'agua ás mãos e uma toalha de rendas.

CREADO, sahindo. — Sim, minha senhora.

PERGOLINI, a CONDESSA. — Podemos passar á sala do cravo para a lição de musica?

CONDESSA. — Não. Continue com a lição de canto. (a LEONOR) Vou escrever para o convento. Não quero deixar de ouvir solfejar.

LEONOR, sentando-se. — Sim, minha senhora mãe. (continuando) Do-la, sol-fa, mi-mi, re...



PERGOLINI, seguindo, em cortezias, a CONDESSA que sae. — Eccellenza...

LEONOR, chamando-o. — Mestre...
 PERGOLINI, aproximando-se, mysterioso, com o dedo na bocca. — Chut! — Tem de solfejar por causa da mamã. (solemne, marcando o compasso) Con espressione! Con espressione! — Re-do-do, si-la, sol-fa, mi...
 LEONOR, baixo, a PERGOLINI. — Estou afflicta. — Porque não passou elle hontem, mestre? (alto, solfejando) Sol-do-do, si-la, sol-sol...
 PERGOLINI, alto. — Moderato! Moderato! (em segredo, ao ouvido de LEONOR) Socégue o seu coraçãosinho. Trago aqui uma carta d'elle.
 LEONOR, com alvoroço. — Uma carta? (solfejando sempre) Re-do-do, si-la, sol-fa...
 PERGOLINI, tirando da algibeira da casaca uma carta e uma flôr. — Aqui tem. — E mais uma flôr sêcca, que elle beijou e que lhe manda...
 LEONOR. — Do-si-si, — leia o maestro... Que eu não posso — sol-si-la... Por causa do solfejo, — sol-la-si, do-si, mi-fa...
 PERGOLINI. — Eu leio. Mas não deixe de cantar. Olhe a mamã. (abre a carta e lê alto, enquanto LEONOR continúa solfejando) — «Marianna...»
 LEONOR, levantando-se. — Marianna?! — Eu sou Leonor.
 PERGOLINI (mettendo muito depressa a carta na algibeira da casaca).

No, no, no, no. Enganei-me. — Esta é para outra discipula. — E' esta. (tirando outra carta e abrindo-a). Olhe a batuta, não perca o andamento. (lendo) «Minha querida Leonor». — Andante moderato. — «E' ainda por diligencia do senhor Placido Pergolini, seu mestre de musica, que receberá esta carta. Elle tem sido d'uma grande bondade connosco, e é, decerto, o mais gracioso e o mais condescendente dos mestres de musica que eu conheço...» (n'uma mesura) Mille grazie, signor! (LEONOR, sempre solfejando, faz-lhe festas na cara, como a uma creança) «Hontem, não pude passar á hora habitual por debaixo das suas janellas, porque estou ligeiramente ferido...» (gritinho surdo de LEONOR, que deixa de solfejar; PERGOLINI solfeja por ella) Mi-re-re, do-si, la-la, sol... «Uma arranhadura sem importancia. Peço-lhe que não se assuste se me vir com o braço ao peito. Em compensação, dou-lhe uma boa noticia...» (alto, movendo a batuta n'um andamento mais rapido) Alegretto! Alegretto! — «Meu pae escreveu á senhora Condessa viuva sua mãe, minha senhora, e, segundo o costume seguido entre fidalgos, deve ir hoje em meu nome pedir-lhe em casamento...» (mais alto) Allegro! Allegro! — Rogue a Deus que n'esse instante supremo véle por nós, pelo nosso amor e pela nossa felicidade. Talvez hoje ainda, minha senhora e noiva, possa beijar, chorando, a sua pequenina mão». (a LEONOR, que se commove) Passionato! Passionato!

LEONOR, saltando ao pescoço de PERGOLINI. — Mestre! Meu querido maestrino! Como eu estou contente! Como eu estou contente! (fazendo-o dançar á força pela sala) Do-la, sol-fa, mi-mi, re...

PERGOLINI, afflicto. — Olhe a mamã! Olhe a mamã!

LEONOR, sentando-se. E a mamã consentirá? (lembrando-se, pouco a pouco) E o Marquez? E o padrinho? E Monsenhor? (tomando as mãos de PERGOLINI) E porque está elle ferido? — Diga lá, maestro... — Porque tem elle o braço ao peito?

PERGOLINI. — Menina! Menina!

LEONOR, ouvindo a voz da mãe e voltando a solfejar, muito quieta no tamborete. — Si-la-la, sol-fa, mi-fa...

PERGOLINI, batendo as palmas a LEONOR, quando a CONDESSA entra. — Brava! Brava! Brava!

CONDESSA, entrando, com uma carta, enquanto o CREADO surge, pelo E., com uma bandeja de doce que pousa sobre a credencia da Direita baixa. — Entrou uma sége no pateo. Veja quem é. (dando-lhe a carta) Entregue ao portador que veio do convento. (a PERGOLINI) Então, maestro, acha-a adiantada?

PERGOLINI. — Oh! Adiantadissima! — Sull'onor mio, Eccellenza! — Vae tudo n'uma maré de rosas!

CREADO, annunciando. — Sua Excellencia Monsenhor D. José Rafael de Castro.

LEONOR, baixo a PERGOLINI. — Monsenhor!

MONSENHOR, entrando, a imitar o solfejo de LEONOR. — Re-sol, do-si, sol-fa, pater-noster... — Ainda vinha a meia legua de distancia, já sabia que a menina estava no côro.

LEONOR, beijando-lhe a palma da mão. — Monsenhor. — Não o esperava a esta hora.

PERGOLINI. — Eccellenza!

MONSENHOR. — Faça uma santa. — N'esta casa vive-se por musica, falla-se por musica, dorme-se por musica, come-se por musica... (pondo as mãos na cabeça) E' d'uma pessoa tapar os ouvidos, quando aqui entra. (a LEONOR) Vê se me enfias ahi uma agulha, pequena, que tenho uma fivela do sapato a cahir.

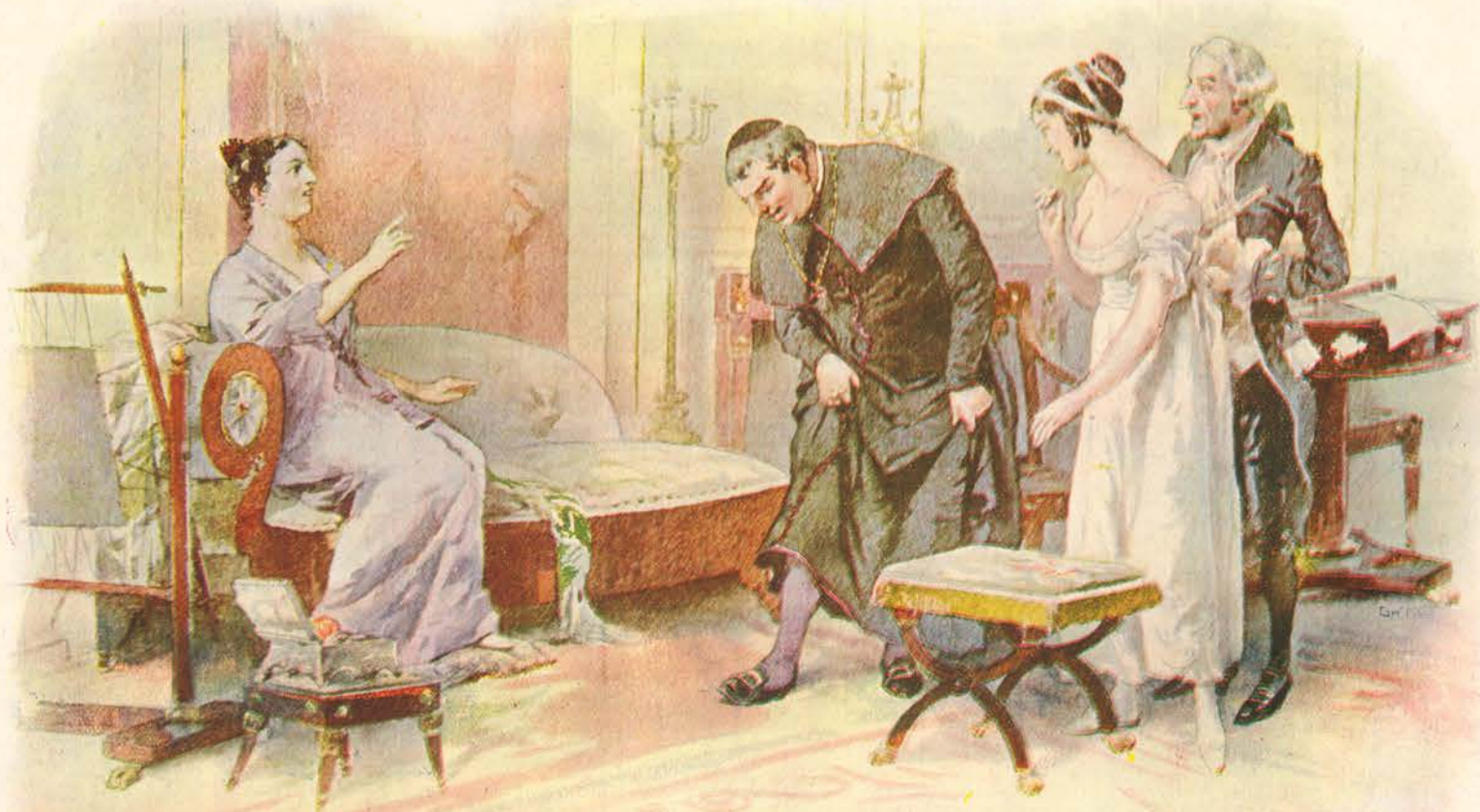
CONDESSA. — Vem tão zangado, Monsenhor!

MONSENHOR. — Aqui me tem, minha senhora Condessa. É que eu já estou farto de prégar sem ser ouvido. Eu acho que isto não é educação que convenha a esta menina. O que ella precisa, não é estar para ahi todos os dias, como uma cômica da rua dos Condes, sol-do, re-sol, sol-fa... E' saber governar a sua casa, regere domum, saber cosinhar, saber fazer doces. (a LEONOR, que vae buscar o acafate da costura) Deixa estar que eu vou um dia d'estes a Odivellas, e hei-de pedir á Madre Ignacia do Menino Deus aquella receita dos tabefes d'ovos. Sempre quero vêr se os fazes.

LEONOR. — Mas, Monsenhor...

PERGOLINI, dançando-lhe, em volta. — Mi seusi, Eccellenza...

MONSENHOR. — Ainda não comi nem um bocadinho de pão de lô feito pela tua mão. E tu sabes, melhor que ninguem, como eu sou gu-



loso. — Todas me mandam doces... A senhora Condessa de Pombeiro manda-me papos d'anjos; a prima Galvéas, coitadinha, manda-me marmelada; a senhora Dona Maria de Menezes manda-me bolo podre; a senhora Marqueza de Tancos manda-me aquellas fatias que têm um nome que não se pôde dizer; todas as minhas confessadas me enchem de mimos. — só tu é que nem uma talhadinha de pão de ló! (*apontando LEONOR, á CONDESSA, que ri*) Isto, minha senhora Condessa, é uma amiga que eu aqui tenho para o inverno.

CONDESSA. — Se ella não lhe mandar, mando-lhe eu, Monsenhor.

LEONOR. — Não é por não ser sua amiga, Monsenhor; acredite. — Chego a tirar os anéis dos dedos, a ir para a cosinha, a partir o primeiro ovo, a partir o segundo ovo, a partir o terceiro ovo, — mas depois lembro-me de que o meu papagaio esteve muito mal por ter comido doce d'ovos, e para não lhe acontecer o mesmo a si, não lhe mando nada. (*com a agulha enfiada, ajoelhando aos pés de MONSENHOR*) Dê cá o pé, Monsenhor.

MONSENHOR. — Dê cá o pé, Monsenhor? Então a menina imagina que está fallando ao seu papagaio? (*á CONDESSA, indicando-lhe LEONOR,*

LEONOR, *n'uma mesura.* — Monsenhor. (*sahindo, com PERGOLINI*) A mamã já saberá? — Já terá recebido a carta?

CONDESSA, *quando ficam sós.* — Temos muito que conversar, Monsenhor. (*indicando-lhe o tamborete, defronte do canapé*) Sente-se aqui, ao pé de mim.

MONSENHOR, *sentando-se.* — Aos seus pés, minha senhora Condessa.

CONDESSA. — E, já agora, ajude-me a dobar esta meada de sêda, senão embaraça-se toda. (*põe a meada nos braços de Monsenhor*) Eu não sei se Monsenhor está acostumado...

MONSENHOR. — Estou. Já ajudei a dobar muitas meadas á senhora Condessa da Ega. Era eu e aquelle patife do Junot. — Ora diga lá, Condessa. (*começa a ouvir-se o cravo, na sala de fóra*)

CONDESSA, *princiando a dobar.* — Desculpe tel-o mandado chamar.



que começa a coser-lhe a fivela do sapato) Sabe-a toda! Isto é que a sabe toda!

CONDESSA. — Deixe fallar. Nunca partiu um ovo na sua vida.

MONSENHOR. — Podéra! A cantar como a Zamparina, todo o santo dia! — Desengane-se, minha senhora Condessa. Isto de musica, só cantochão, — e é por ser a musica que Deus Nosso Senhor fez. O resto é uma patacoada. Os musicos são uns intrujões.

PERGOLINI, *formalisado.* — Eccellenza!

MONSENHOR, *apontando PERGOLINI.* — A começar por este.

PERGOLINI, *dançando-lhe medidas, em volta.* — Mi scusi, Eccellenza! Ve la prego! — La musica e un'arte cosi nobile... Così... Così...

MONSENHOR. — Così, così... Così quê, senhor Pergolini? — Eu já o prohibi de dançar quando me falla! — Vá-se embora!

CONDESSA, *a PERGOLINI.* — Disponha a sala para a lição de musica. A menina já vai.

PERGOLINI. — Presto, presto, Eccellenza! — Prestissimo! (*n'uma cortezia secca*) Monsignore! (*sabe, pela E. baixa*).

MONSENHOR. — Viva! (*á CONDESSA, tirando um papel da batina*) É verdade. Antes que me esqueça. (*lendo*) Hoje ha indulgencias nos conventos do Carmo e de S. João de Deus, e nas egrejas do Loreto e de S. Lourenço. A'manhã é a festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens no Real Paço da Bemposta. Paramentos brancos. Depois d'amanhã é o dia de S. Tude, advogado contra a tosse. Será bom acender-lhe umas velas no oratório, por causa da menina. Na sexta-feira ha benção na egreja da Conceição e Lausperenne no Menino Deus. — Trago aqui tambem o registo de Santa Rita de Cassia, bento pelo senhor Patriarcha. Dá indulgencias in perpetuum. (*entregando-lhe o registo*) Aqui tem, minha senhora Condessa.

CONDESSA. — Obrigada.

LEONOR, *acabando de coser a fivela do sapato de MONSENHOR, e levantando-se.* — Prompto, Monsenhor.

MONSENHOR, *arregagando a batina e descobrindo a meia rôxa.* — Deixa vêr.

LEONOR, *olhando.* — Fica-lhe bem a fivela d'oiro com a meia rôxa. — Monsenhor tem uma perna muito bem feita.

CONDESSA, *reprehensiva.* — Leonor!

MONSENHOR. — Então, menina! — (*olhando a perna, lisongeador*) Isso nunca se diz de um homem. Nem mesmo quando é verdade.

LEONOR. — O padrinho General diz isso de muitas senhoras que conheceu em França. E talvez seja mentira.

MONSENHOR. — O padrinho General não sabe o que diz. É um homem sem religião. — E d'ahi, eu, como confessor que sou da menina, já a prohibi de repetir as tollices que diz o padrinho General. (*á CONDESSA*) O General e o Marquez têm estragado esta pequena. Se a sua educação fôsse dirigida por mim só, outro gallo lhe cantaria. Havia de saber fazer doces, governar a sua casa! — Regere domum! Regere domum!

LEONOR, *timidamente.* — Mas, Monsenhor, para governar a minha casa, preciso de ter casa... E para ter casa, preciso de casar...

MONSENHOR, *abrindo muito os olhos.* — Quê? Que foi que a menina disse?

PERGOLINI, *apparecendo na porta da E. alta.* — Prompto, Eccellenza!

CONDESSA, *a LEONOR.* — Vá á sua lição de musica, ande. — Vá á sua lição de musica.

Bem sei que durante o dia tem a sua vida muito presa. Mas preciso do seu conselho, Monsenhor.

MONSENHOR, *recordando-se.* — É verdade, ainda não lhe perguntei. Então, que ha de novo? — Lá me parecia que tinha uma coisa para lhe dizer, mas não me lembrava do que era. Era isso mesmo, perguntar-lhe o que havia de novo. — Fiquei muito intrigado com o recado que me mandou. (*com as mãos muito espetadas, segurando a meada*) Está bem assim?

CONDESSA. — Um bocadinho mais baixo. (*guiando-lhe as mãos*) Assim. — Ha pouco, quando veio um portador de Chellas, julguei que era já Monsenhor. — Incomodei-o, porque precisava absolutamente que estivesse aqui antes das duas horas.

MONSENHOR, *muito embaraçado com a meada, conseguindo tirar da batina um grande relógio de ouro.* — Pouco passa de uma. — Pelo palacio da Regencia.

CONDESSA, *enquanto MONSENHOR espreita, com insistencia, a bandeja de doce que está sobre o tremó.* — E' o nosso confessor, o director espiritual da familia, um velho amigo. E' comsigo que nos encontramos nas grandes occasiões. Tenha paciencia. — Escrevi tambem ao General e ao Marquez.

MONSENHOR, *afirmando-se mais na bandeja.* — Veio algum portador de Chellas com doce? Então ha-de ser aquillo.

CONDESSA. — Foi a tia Abbadessa que mandou uma capella d'ovos reaes. (*a MONSENHOR, que se levanta*) Olhe a meada, Monsenhor...

MONSENHOR, *com as mãos atadas pela meada, procurando levantar o guardanapo da India que cobre a bandeja de doce.* — Ovos reaes? — E a Condessa sem me dizer nada! (*fallando por demais*) Então de que se trata, vamos a saber? (*mettendo uma gemma na bocca*) Vá dobando, vá dobando.

CONDESSA. — Trata-se da pequena.

MONSENHOR, *distrahido.* — Da pequena?

CONDESSA. — Recebi hoje uma carta que me surpreendeu muito.

MONSENHOR. — Uma carta? (*com a bocca cheia*) Magníficos! São magníficos! — Mas uma carta, de quem?

CONDESSA. — Uma carta em que me annunciam uma visita de muita cerimonia. — E eu desejo que Monsenhor, o Marquez, como antigo tutor e testamenteiro de meu marido que Deus tenha, e o General, na qualidade de padrinho de minha filha, assistam a esta visita e me aconselhem antes d'ella se realizar.

MONSENHOR, *comendo aos dois e dois.* — Estupendos! São estupendos! (*percebendo um gesto de contrariedade da CONDESSA*) Mas vamos nós a pôr tudo isso em pratos limpos, minha senhora Condessa, que eu ainda não percebi mesmo nada. (*continuando a comer*) Ora diga lá.

CONDESSA. — Coma primeiro, Monsenhor, e depois fallaremos nas coisas sérias. (*vendo que MONSENHOR se esquece da meada, entusiasmado com o doce*) Mas veja a meada, olhe que me embaraça tudo!

MONSENHOR, *os braços espetados, a bocca cheia, um ovo real em cada mão.* — Prompto, minha senhora Condessa. — São os melhores que tenho comido na minha vida! (*engasgando-se*) Oh!

CONDESSA. — S. Braz! S. Braz!

GENERAL, que tem entrado ha um momento e feito signal para não o annuciarem, rompe n'uma gargalhada ao vêr a figura de MONSENHOR. — Que figura! Que figura!

CONDESSA, n'um sorriso. — General... — Recebeu a minha carta?

MONSENHOR, olhando-o, de revez. — Já cá tardava este jacobino!

GENERAL, á CONDESSA, rodeando MONSENHOR. — Aqui tem a minha querida Condessa a verdadeira imagem da religião no nosso tempo! Um gordo Monsenhor da Patriarchal, com a bocca atafalhada de dôce d'ovos e as mãos atadas n'uma meada de sêda! — E' eloquente. Palavra que é eloquente.

MONSENHOR, com a bocca cheia. — Deixe-me acabar de comer, que já lhe respondo.

GENERAL, entregando á CONDESSA, gentilmente, um pequeno ramo de flôres. — Perdôe-me, Condessa. Foram as unicas flôres que encontrei. — Quand on n'a pas ce que l'on aime...

CONDESSA. — Faut aimer ce que l'on a. — Obrigada.

GENERAL. — E é para isto que nós gastamos um dinheirão com a Egreja! Fortes tolos! (estendendo a mão a MONSENHOR, com o mais amavel dos sorrisos) Então como tem passado, Monsenhor?

MONSENHOR, recusando-lhe a mão. — Sabe o que lhe digo? É que antes se gaste dinheiro com os Prelados da Santa Egreja Patriarchal, que com Generaes jacobinos como o senhor, e o Marquez d'Alorna, e o Marquez de Loulé, e outros que taes, que se passaram ao serviço d'esse traste do Napoleão e da cáfila de ladrões que andava com elle! — Ora ahi tem a resposta. Assoc-se a este guardanapo.

CONDESSA. — Ao menos, hoje, peço-lhes que não ralhem... Então...

GENERAL, á CONDESSA, com o melhor humor. — Vamos lá. Não temos razão de queixa, Condessa. Hoje, foi mais brando do que de costume. (a MONSENHOR) Monsenhor esqueceu-se de fallar na força e no padre José Agostinho de Macedo. — Já agora acabe. Eu cá estou para o ouvir. — Acabe, homem!

MONSENHOR. — Olhe... Se não lhe digo mais, é por consideração pela senhora Condessa. Fique sabendo. (tomando calor) Porque o senhor

crescendo de indignação. — Olhe para isto! De perna no ar! — E se lhe fôr a vêr a tampa do relógio, já não é só uma dançarina, — é Venus a sahir das ondas, como Nosso Senhor a deitou ao mundo!

GENERAL, tirando da algibeira o relógio. — Quer vêr as horas, Monsenhor?

MONSENHOR. — E se lhe subir á lapella da casaca...

GENERAL, apurando-se, grandioso. — Se me subir á lapella da casaca, encontra a Legião de Honra!

MONSENHOR. — A Legião de Honra! A encher a bocca com a Legião de Honra! — Ainda ha pouco me disseram que um realista, o Conde de Maubreuil, andava a passear em Paris com a cruz da Legião de Honra atada ao rabo do cavallo! — Isso é um trapo! — Atire isso fôra!

GENERAL. — Se Monsenhor quer mandar-me repetir essas palavras por alguém que não seja padre, tenha a bondade de prevenir primeiro que eu atiro á pistola como Junot e jogo a espada como o Duque de Lafões!

MONSENHOR, para a CONDESSA, olhando desconfiado o GENERAL. — Agora, ameça-me com um tiro!

CONDESSA. — Então, General! Eu não consinto que se zanguem...

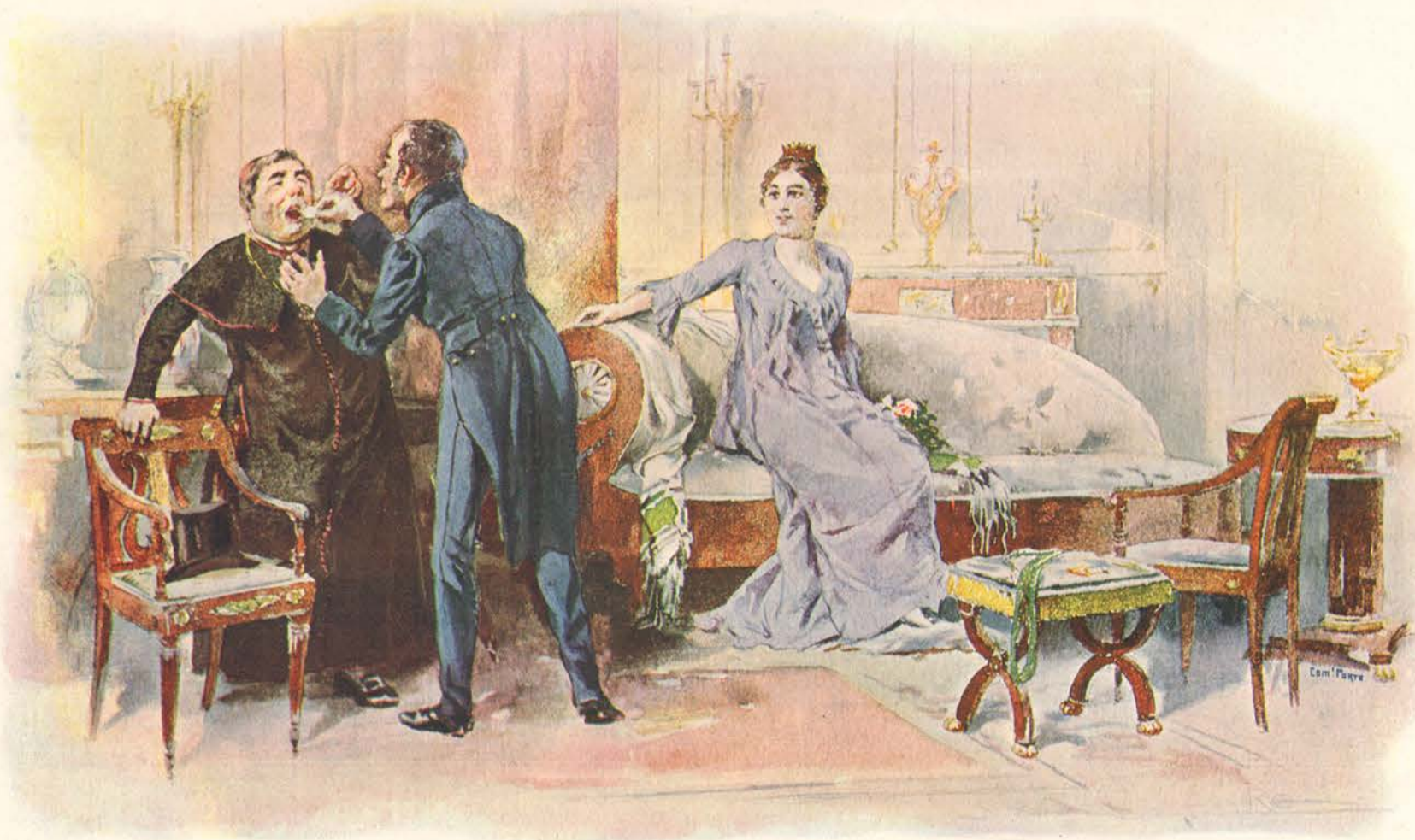
GENERAL, a MONSENHOR. — Sabe que mais? Vou assistir á lição de musica da pequena. — O senhor é grosseiro, e eu não estou para o aturar.

MONSENHOR, ao GENERAL, que se dirige para a E. baixa. — Vá acabar de estragar a pequena, ande! Vá, — que ella já não está pouco.

GENERAL. — Olhe. Se não fôsse eu, já estava ou freira, ou tola.

MONSENHOR. — Vá acabar a sua obra, seu hereje!

GENERAL. — Vou. Mas antes, sempre quero dizer-lhe. (apontando a lapella da casaca) Este trapo que o senhor aqui vê, ganhei-o nos campos de batalha, espada em punho, á frente dos meus esquadrões, — enquanto Monsenhor confessava meninas! Ganhei-o nas vespas de Wagram, dançando a carmagnole au joli son du canon, coberto de sangue e de polvora, — enquanto Monsenhor bordava a oiro com a senhora Marqueza de Tancos! Ganhei-o atravessando os gêlos da Russia, perseguido pelos cossacos, soffrendo fomes heroicas, e cahindo emfim nas margens de Moscowa, com uma bala em pleno peito, — enquanto Monsenhor comia



é um pedreiro-livre, o senhor não tem religião, o senhor acabou de se perder lá pela França, ou por onde foi, o senhor está tão desmoralizado, que até já usa calças até abaixo como o mais refinado dos jacobinos! — Se já se viu coisa mais escandalosa, coisa que tente mais a Deus, do que um homem de calças!

GENERAL, passeando pela sala a sua elegancia de vieux garçon. — Monsenhor o que tem é inveja. Ha-de convir que são elegantissimas.

MONSENHOR. — Aceite o conselho d'uma ruim cabeça. Vá despir isso! Ponha calção e meia, que era assim que andava seu pae, que era assim que andava seu avô, que é assim que andam todos os portuguezes dos quatro costados, que não têm ranço de francezia! (á CONDESSA, apontando o GENERAL) Está perdido! Alli onde o vê, se lhe fôr rebuscar na algibeira da casaca, ha-de encontrar-lhe uma caixa de rapé com o retrato d'uma dançarina!

GENERAL, muito galante, tirando do bolso da casaca uma caixa de rapé, d'oiro e esmalte, com a figura d'uma bailarina na tampa, e offerecendo a MONSENHOR. — Monsenhor quer uma pitada?

MONSENHOR, olhando a bailarina, imitando-lhe a attitude, e depois, n'um

pratinhos de manjar branco no convento d'Odivellas! — Foi assim que o General D. José de Mello Cesar de Menezes ganhou este trapo vermelho que traz na lapella da casaca, e não está disposto, palavra de honra, a deital-o fôra! (galantemente, sorrindo) De resto, Monsenhor pôde dizer o que quizer, que eu não me zango. — Quer Monsenhor mais dôce?

CONDESSA. — Então... Façam as pazes, vá. — Logo que chegue o Marquez temos de tratar de coisas tão sérias... — Monsenhor...

GENERAL, indo buscar uma gemma á bandeja de dôce e dirigindo-se a MONSENHOR, como a uma creança. — Vamos... — Então não quer um rebufado? — (aproximando-se) Abra a bocca e feche os olhos...

MONSENHOR, comendo o rebufado que o GENERAL lhe mette na bocca. — O senhor abusa, porque sabe que eu tenho esta fraqueza de ser seu amigo. — Ahi é que é.

CONDESSA, olhando-os, risonha. — Parecem o cão e o gato...

O CREADO, annunciando, ao fundo. — Sua Excellencia o senhor Marquez de Alegrete.

GENERAL, apontando, n'um sorriso, o MARQUEZ que entra, de casaca de sêda, cabelleira de rabicho, mósca, anneis em todos os dedos. — Chegou o rato.

